

## JANTAR COM O PAPA NO SUMARÉ

*“O Papa virá ao Rio de Janeiro para uma celebração da Igreja católica e desembarcará no Aeroporto Internacional da cidade”.*

Este comunicado chegou na chefia da inspeção sanitária do aeroporto durante uma reunião convocada pela Receita Federal e Polícia Federal para que todos se preparam para o evento. Nesta reunião estava também a inspeção de alimentos do Ministério da Agricultura, o Itamaraty, e responsáveis de outros órgãos públicos, além, obviamente, dos representantes da Igreja Católica inclusive emissários papais vindos do Vaticano.

Ele viria na data prevista. num voo direto de Roma.

*“Quisque simius sibi ramus”* – cada macaco no seu galho – dizia-se jocosamente sobre as tarefas que cada órgão deveria cumprir durante a estadia de Sua Santidade. A Cúria Metropolitana designou o Padre Gonzalo como seu representante para facilitar os trâmites legais, que não eram poucos.

Tudo parecia ir muito bem, só que não.

As exigências legais aduaneiras, sanitárias, diplomáticas e policiais eram muitas e confusas. *“Não pode isso, não pode aquilo, precisa disso ou daquilo etc.”* O tempo passou, a chegada do Papa era iminente, mas os órgãos competentes públicos e privados não conseguiram se organizar adequadamente.

Ele chegou e foi uma festa. Com algumas falhas no esquema de segurança previsto o Santo Padre saiu do avião direto para seu percurso pela cidade até chegar, horas depois, na residência oficial do Bispo no morro do Sumaré. Ficaram para trás, no entanto, as cargas e bagagens que trouxera e que deveriam ser inspecionadas.

E aí a coisa pegou. Havia ao menos cinco toneladas de vários tipos de carga e bagagens para serem liberadas. A inspetora da agricultura desde logo empombou com a carga de alimentos: *“Não pode entrar”*, seja lá por que lei ou regulamento vigente. A receita Federal queria uma lista dos bens para julgar o que cobrar de taxas aduaneiras.

O representante do Itamaraty vendo o impasse foi embora sem nem ao menos se despedir. A inspetora da agricultura também deu o fora dizendo que *“o que vocês decidirem está Ok”*. Tudo parecia se resolver pois a turma da saúde cuja chefe do Posto sanitário era a Drª Miriam e um sanitarista, eu no caso, esperávamos nos desvincilar logo desta tarefa e ir para casa. Havia, no entanto o cara da Alfândega, o Inspetor Aquino que exigia uma declaração detalhada da carga para poder liberá-la.

As negociações se arrastavam porque não se achava tal manifesto de carga já que o voo fora fretado pelo Vaticano que simplesmente encheria a aeronave de produtos que julgara necessários para a viagem sem se preocupar com estas firulas aduaneiras.

Começara a chover pesado e as toneladas de carga jaziam no pátio num caminhão ao relento. O Padre Gonzalo, que respondia pelo Vaticano sugeriu que seria melhor levar a carga no caminhão até a casa do Bispo no Sumaré e lá proceder aos trâmites legais. A chefa, Drª Miriam por algum motivo que não percebi aceitou a proposta e surpreendentemente o Inspetor Aquino também. Fomos em caravana rumo ao morro do Sumaré.

Desconfio que eles queriam mesmo era ver o Papa de perto. Eu também.

O caminhão estacionou no pátio logo na entrada da mansão do Bispo, ao lado de uma rampa que dava acesso a um sobrado em cujas salas ocorria a recepção ao Sumo Pontífice.

A recepção parecia um Concílio do Vaticano tal a quantidade de Bispos, Cardeais e outras autoridades eclesiásticas presentes. Era de fato um banquete com cardápio variado e farto, regado a vinhos, cervejas e outras bebidas. A mesa do Bispo de Roma, estava cercada pelas dos prelados. Havia uma discreta música ao fundo. Os religiosos eram servidos por garçons e freiras e havia um “chef de cuisine’ italiano responsável.

Do lado de fora aguardávamos que algum responsável pela carga nos desse uma indicação de que queriam resolver o assunto. O inspetor Aquino estava irritado de ter de esperar na chuva, e já resmungava que iria apreender tudo e mandar para o depósito da alfândega.

Veio então um padre em uma batina engomada e impecável, escoltado por outro que portando um enorme guarda-chuva protegia a batina e o padre. Este religioso enfatotado, ao que parecia, tinha poderes resolutivos, mas infelizmente só falava italiano e uma mistura quase ininteligível com inglês. Logo foi circundado por outras pessoas que viemos a saber eram da “Guarda Suíça” do Vaticano e, por sorte, um deles falava português. Não adiantou muito pois não se resolvia o embrulho da lista da carga, que o Aquino não abria mão e que concluímos não existia. O padre janota, visivelmente irritado e molhado se retirou e restaram para negociar apenas os soldados da “Guarda Suíça”. Mais uma vez o Padre Gonzalo propôs a solução.

- Vocês entrem no caminhão e façam um manifesto da carga. Pode ser?

Parecia bom para todos, mas o que resolveu mesmo foi o convite que o Padre Gonzalo fez.

- Quando terminarem estão convidados para participarem da recepção.

Enquanto providenciávamos diligentemente o manifesto, auxiliados pela “Guarda Suíça”, o Papa se retirou e os outros religiosos também partiram. Terminada a tarefa fomos para o salão da festa. Só restou o padre Gonzalo e outro padre italiano, que nos ciceronearam até que, a carga liberada, partimos satisfeitos.

No caminho comentávamos.:

- Só tinha macarrão, queijo e molho de tomate na carga.

- Deve ser para a macarronada do Papa.

Nos dias que se seguiram recebemos pelo Padre Gonzalo dezenas de terços com a garantia de terem sido abençoados pelo Papa. Também descobrimos que o padre italiano que nos acompanhou no jantar era o secretário pessoal do Pontífice Máximo.